

AGRICULTURA ORGÂNICA: UMA TENDÊNCIA SAUDÁVEL PARA O PRODUTOR

Larissa Maas¹
Rosane Malvestiti²
Lizandra Garcia Lupi Vergara³
Leila Amaral Gontijo⁴

RESUMO

A agricultura orgânica vem se apresentando como importante ferramenta para viabilizar pequenas propriedades que trabalham com agricultura familiar. Para identificar os principais motivos que levam os produtores rurais a fazer a conversão para esta prática, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com agricultores de propriedades da região de Rio do Sul, em Santa Catarina. Por meio da técnica de análise de conteúdo, foi possível listar os principais motivos, tendo sido indicados como aspectos positivos a melhoria da saúde e melhoria da satisfação no trabalho desenvolvido; e como obstáculos, a carência de mão de obra, a divulgação e comercialização do produto, entre outros pontos citados, como os relacionados à certificação, as perspectivas de futuro e a ideologia de trabalhar com agricultura orgânica. Concluiu-se que os benefícios do cultivo com orgânicos vão além da supressão do uso de agrotóxicos, sendo o principal a melhoria da qualidade de vida do agricultor.

Termos para indexação: agricultura sustentável, análise de conteúdo, qualidade de vida, saúde do trabalhador rural.

ORGANIC FARMING: A HEALTHY TREND FOR THE PRODUCER

ABSTRACT

Organic agriculture has been presenting itself as an important tool to make small family farms feasible. To identify the main reasons that lead these farmers to change to this practice, semi-structured interviews were applied to farmers from properties in the region of Rio do Sul, in

¹ Engenheira química, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), professora do Instituto Federal Catarinense (IFC), Campus Rio do Sul, SC. larissa.maas@ifc.edu.br

² Enfermeira e graduada em Educação Física, mestre em Ciências do Movimento Humano. romaiah50@gmail.com

³ Arquiteta e Urbanista, doutora em Engenharia de Produção, professora associada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Campus Trindade, Florianópolis, SC. l.vergara@ufsc.br

⁴ Graduada em Desenho Industrial, doutora em Ergonomia, professora associada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Campus Trindade, Florianópolis, SC. leila.gontijo@ufsc.br

state of Santa Catarina, Brazil. Through the technique of content analysis, it was possible to list the main reasons, indicating as positive aspects the improvement of health and improvement of satisfaction in the work developed; and as obstacles shortage of labor, dissemination and commercialization of the product, among other points cited, such as those related to certification, future prospects and the ideology of working with organic agriculture. It was concluded that the benefits of cultivation with organics go beyond the suppression of the use of pesticides, the main one being the improvement of the farmer's quality of life.

Index terms: sustainable agriculture, content analysis, quality of life, rural worker health.

INTRODUÇÃO

A agroecologia discute a integração entre princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos sobre sistemas agrícolas, diminuindo a dependência externa no que diz respeito aos produtos químicos e energia, o que resulta em produção sustentável. Neste contexto está inserida a agricultura orgânica, que evita o uso de fertilizantes e agrotóxicos, utilizando recursos da própria unidade para manter a produção, tendo como exemplos a rotação de cultura, o uso de esterco de animais e uso dos resíduos da lavoura (Altieri, 2004).

Além da busca por alimentos saudáveis e seu consumo, pode-se também citar como causa do aumento da produção orgânica a dificuldade de permanência dos trabalhadores no ambiente rural em virtude da competitividade de mercado e da rentabilidade baixa do cultivo convencional (Campanhola & Valarini, 2001), fazendo com que o produtor encontre na agricultura orgânica uma alternativa para sua continuidade no meio rural.

As políticas de incentivo ao consumo de produtos orgânicos têm estimulado a permanência dos agricultores familiares. Uma dessas políticas é o Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae), que incentiva a compra de produtos dos agricultores locais com certificado orgânico ou agroecológico (Brasil, 2015).

Conforme apontam Alencar et al. (2013), a utilização de agrotóxicos no Brasil ainda é elevada, e sua aplicação muitas vezes é realizada de forma incorreta, não respeitando o período de carência do produto, gerando um residual ainda maior de agrotóxicos nos alimentos e no meio ambiente.

Como se observa na Tabela 1, estudos realizados em países como Áustria, Itália, Países Baixos, Suíça, Reino Unido, Austrália e Canadá apontam que os principais fatores para a conversão estão ligados à sustentabilidade e meio ambiente e à saúde, demonstrando aspecto relevante para a conversão do sistema convencional para o orgânico.

Tabela 1. Principais motivos apontados por agricultores para realizar a conversão para agricultura orgânica em diferentes países.

Motivos	Áustria	Itália	Países Baixos	Suíça	Reino Unido	Austrália	Canadá
Sustentabilidade e meio ambiente	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Saúde	Sim	Sim	X	Sim	Sim	Sim	Sim
Qualidade do produto	Sim	Sim	X	X	X	Sim	X
Filosofia	X	X	Sim	Sim	X	X	X
Futuro	X	X	X	X	Sim	X	X
Satisfação no trabalho	X	X	Sim	X	Sim	X	X
Autossuficiência	Sim	X	Sim	X	X	X	X

Fonte: adaptado de Padel (2008), Cranfield et al. (2009), Lockie & Halpin (2005).

Ao comparar a Tabela 1, comparativo entre diversos países, com a Tabela 2, relativa somente ao Brasil, é possível observar que os aspectos mais citados se repetem, e diferem em relação à autossuficiência, que no Brasil não foi citada, e o fator econômico foi citado apenas no Brasil.

Os fatores que contribuem para a conversão produtiva podem ser de ordem pessoal (idade, objetivos, valores, estilo de vida e saúde), ligados à unidade de produção (características da propriedade, recursos de trabalho e de capital) e aqueles relacionados ao ambiente externo (rentabilidade, programas e políticas de conversão, preço, vias de comercialização e subsídios). Todas as variáveis se inter-relacionam com uma ou mais combinações (Padel, 2001, 2008).

Identificar os principais motivos que levam os agricultores a realizar a conversão, bem como comparar seu comportamento com o comportamento

de trabalhadores de outras regiões ou países, contribui para a criação e fortalecimento da conversão orgânica de novos grupos de produtores.

Tabela 2. Principais motivos apontados por agricultores do Brasil para realizar a conversão para agricultura orgânica.

Motivos	Autores
Sustentabilidade e meio ambiente	(Padilha, 2008; Santos, 2011, 2016; Paiva, 2016)
Saúde	(Bauer, 2004; Drews, 2006; Assis & Romeiro, 2007; Padilha, 2008; Santos, 2011, 2016; Storch et al., 2004; Galante, 2016)
Qualidade do produto	(Santos, 2011)
Filosofia	(Assis & Romeiro, 2007)
Futuro	(Drews, 2006)
Satisfação no trabalho	(Assis & Romeiro, 2007)
Autossuficiência	X
Fator econômico	(Bauer, 2004; Drews, 2006; Assis & Romeiro, 2007; Padilha, 2008; Santos, 2011; Galante, 2016; Paiva, 2016)

O presente trabalho singularizou algumas das principais características dos agricultores orgânicos da região de Rio do Sul, em Santa Catarina, descrevendo um breve perfil social, indicando as razões que os fizeram adotar esta prática de trabalho.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Cinco agricultores orgânicos da região de Rio do Sul (SC) participaram da pesquisa, por serem responsáveis pelas propriedades com perfil de agricultura familiar em que trabalhavam. E, também, foram elencados por comercializarem seus produtos em feira agroecológica no próprio município.

As entrevistas foram realizadas com um grupo de agricultores com mais de 10 anos de experiência; no entanto, a troca pela agricultura orgânica se deu há mais de 6 anos, e apenas um agricultor respondente está trabalhando há pouco mais de 1 ano. A faixa etária é bastante ampla, variando entre 22 e 65 anos, e as propriedades são exploradas por 2 a 3 membros da família, com exceção de uma, onde há contratação externa.

Quanto à escolaridade, todos os agricultores entrevistados apresentaram ensino fundamental, e dois apresentam também o ensino médio.

As entrevistas semiestruturadas seguiram um roteiro de 10 questões, subdivididas em 5 questões sobre dados sociodemográficos, 3 questões sobre aspectos relacionados às preferências e 2 sobre as vantagens/desvantagens em se trabalhar com cultivo orgânico. Após a realização da entrevista, foi dado ao entrevistado um espaço de tempo livre para as suas observações.

A aplicação da entrevista foi realizada na própria propriedade rural e, para registrar os dados, foi usado um gravador de áudio. A pesquisa ocorreu no período de julho a outubro, tendo o levantamento de dados e as entrevistas sido realizados de setembro a novembro de 2016. Os entrevistados foram identificados pela letra “E” e listados por números na sequência de ocorrência das entrevistas (E1, E2, E3, E4 e E5).

O conteúdo das entrevistas foi analisado no período entre novembro de 2016 e fevereiro de 2017, conforme o método de Análise de Conteúdo, utilizando-se o programa computacional Microsoft Excel® para o tratamento dos dados coletados. Os resultados das questões abertas da entrevista foram separados em categorias, tendo-se identificado os valores atribuídos a cada conteúdo de resposta (Bardin, 2002).

Nesta pesquisa, a categorização das respostas dos agricultores foi realizada dentro das três dimensões listadas por Padel (2001, 2008): ordem pessoal, ligados à unidade de produção e ligados ao ambiente externo.

Antes das entrevistas e registros dos dados, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSC e aprovado sob o número CA 57570416.9.0000.0121, tendo-se obedecido a todas as determinações da legislação vigente sobre ética de pesquisas com seres humanos. Os agricultores foram convidados espontaneamente a participar do estudo, respeitando os preceitos do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As respostas e comentários foram divididos nas categorias: a) os motivos que levaram o agricultor a trabalhar com cultivo orgânico; b) as vantagens; c)

as desvantagens; d) as perspectivas de futuro em relação ao orgânico; e) outros. Os resultados encontrados foram analisados primeiramente como unidades de significação agrupadas para cada pergunta, tendo-se verificado a frequência com que eram citadas pelos entrevistados, gerando as categorias iniciais.

A Tabela 3 apresenta o resultado das principais categorias iniciais extraídas dos discursos dos entrevistados, referente a cada pergunta realizada. Quando questionados sobre as razões que os levaram a trabalhar com orgânicos, todos os entrevistados apontam alimentação saudável e satisfação no trabalho como principais motivos para a conversão, sendo também citadas as opções de não trabalhar com agrotóxico e a de qualidade de vida.

Entre as vantagens, a “saúde e vida saudável” foi a mais importante, tendo sido mencionada por todos os entrevistados. Outras vantagens também elencadas foram as questões ligadas à profissão e ao reconhecimento profissional, quando acreditam que ainda há um diferencial na comercialização deste produto. A opção de não ter necessidade de trabalhar com agrotóxicos foi referida novamente, incluindo a proteção ao meio ambiente vinculada ao uso de produtos químicos.

Quando questionados sobre as desvantagens, indicaram principalmente a falta de mão de obra, a falta de conhecimento da população sobre os produtos orgânicos e a comercialização diante dos concorrentes. Quanto à visão de futuro, acreditam que os filhos têm interesse na sucessão da ideologia e na manutenção da propriedade.

Nos comentários livres, os entrevistados falam que o trabalho com a agricultura orgânica é um desafio, mas que o futuro é promissor; no entanto, há também, a preocupação com a falta de informações fornecidas aos consumidores e a pouca adesão de agricultores a essa modalidade. Em relação à certificação, apontam que esta é muito importante e auxilia o desenvolvimento do trabalho em grupo.

Após uma análise prévia e com base nas categorias iniciais, elaboraram-se as categorias finais para formar os grupos de temas recorrentes em diversas respostas e que tratavam do mesmo assunto. Quando as respostas eram coerentes com as perguntas, se agrupavam nas categorias iniciais; por outro lado, quando estavam desalinhadas com o tema da pergunta, as informações não eram descartadas, mas utilizadas como informações adicionais agrupadas na categoria final.

Tabela 3. Principais categorias iniciais identificadas, relacionadas à porcentagem com que ocorreram nas respostas.

Unidades de significação	Porcentagem (%)
Razões/motivos	
Alimentação saudável	100,00
Satisfação no trabalho	100,00
Para não trabalhar com agrotóxico	20,00
Qualidade de vida	20,00
Vantagens	
Saúde e vida saudável	100,00
Profissão e reconhecimento profissional	60,00
Evitar contato com agrotóxico/preservação do meio ambiente	40,00
Reconhecimento financeiro	20,00
Desvantagens	
Falta de mão de obra	60,00
Falta de conhecimento da população	20,00
Enfrentar concorrência com agroindústria/comercialização dos produtos	20,00
Não vê desvantagem	20,00
Perspectiva de futuro	
Filhos têm interesse na sucessão	100,00
Outros	
Desafio	40,00
Modo de vida	40,00
Futuro promissor	40,00
Certificação	20,00
Falta de informações para o consumidor	20,00
Poucos agricultores nessa modalidade	20,00

Como demonstra a Tabela 4, com base nas categorias iniciais, as categorias finais foram classificadas em: saúde, satisfação no trabalho, mão de obra, perspectiva de futuro, filosofia, divulgação e comercialização dos produtos, e certificação; e novamente foram agrupadas em aspectos de tomada de decisão (Padel, 2008), apresentados a seguir.

Tabela 4. Categorias iniciais identificadas nas respostas dos agricultores, relacionadas a categorias finais para análise dos dados.

Categoria inicial	Categoria final	Aspecto de tomada de decisão (Padel, 2008)
Alimentação saudável		
Saúde e vida saudável		
Para não trabalhar com agrotóxico	Saúde	
Evitar contato com agrotóxico/visar à preservação do meio ambiente		
Satisfação no trabalho		
Reconhecimento profissional	Satisfação no trabalho	
Reconhecimento financeiro		Questões pessoais
Sucessão		
Visão de futuro		
Desafio	Perspectiva de futuro	
Futuro promissor		
Poucos agricultores nessa modalidade		
Qualidade de vida		
Modo de vida	Filosofia	
Falta de mão de obra	Mão de obra	Específicos da propriedade
Falta de conhecimento da população		
Falta de informação para consumidores	Divulgação e comercialização do produto	Fatores externos
Enfrentar concorrência com agroindústria/comercialização		
Certificação	Certificação	
Parceria		

Questões pessoais

Os agricultores pesquisados referem-se à alimentação saudável como um dos principais argumentos para desenvolver a atividade com orgânicos, o que foi elucidado com as respostas em relação às razões que os levaram a trabalhar com tais produtos. Também, observa-se em suas falas que,

quando indicam a alimentação saudável, esta engloba a preocupação com os consumidores dos seus produtos.

Eu achei muito interessante em produzir algo que as crianças podem comer ... os pais delas também, os tios, os avós delas. (E3)

[...] trabalhar com um produto que venha “trazendo” saúde a quem vai consumir... produto saudável. (E2)

[...] é melhor para a saúde, não só pra gente, mas também para o nosso próximo que consome o alimento. (E4)

[...] A saúde melhora, e também melhorar a saúde de outras pessoas, né. (E5)

Analisando-se as expressões verbais dos agricultores, verifica-se que a saúde é o tema central de seus discursos, corroborando os estudos realizados por Santos (2016), tanto a saúde humana quanto a preservação do meio ambiente, indo ao encontro dos princípios básicos da agricultura orgânica. Até mesmo os entrevistados que não relataram experiências negativas com agrotóxicos, como intoxicações ou contaminações, indicaram preocupação constante com a própria saúde e de sua família, igualmente como apontaram pesquisas realizadas com agricultores de outras regiões ou países (Storch et al., 2004; Lockie & Halpin, 2005; Assis & Romeiro, 2007; Padel, 2008; Padilha, 2008; Cranfield et al., 2009; Galante, 2016).

As pesquisas realizadas por Alencar et al. (2013), Ismael et al. (2015) e Poletto (2009) evidenciaram que a grande quantidade de agrotóxicos utilizada pelos agricultores e o uso inadequado deste recurso resultam em resíduos de produtos químicos nos alimentos e no meio ambiente, colocando em risco a saúde de todos, chegando até a afetar a saúde mental dos agricultores. Contudo, os entrevistados apresentaram uma visão holística do sistema de produção em relação ao uso de agrotóxicos, preocupando-se com a saúde dos familiares, dos consumidores e do meio ambiente.

[...] não comprometo o meio ambiente com resíduos dos produtos orgânicos (E3).

A preocupação em não usar agrotóxicos também foi um fator importante identificado neste grupo de agricultores, tendo sido citada por 60% dos entrevistados, demonstrando forte preocupação com o meio ambiente e com os resíduos tóxicos que podem gerar. Da mesma forma, a pesquisa realizada

por Fontoura & Naves (2016) identificou que um dos elementos que embasam o movimento agroecológico é a saúde.

A satisfação no trabalho também foi apontada como importante motivo para a conversão, citada pelos entrevistados e identificada em estudos realizados no Reino Unido e nos Países Baixos (Padel, 2008), e também em outras regiões do Brasil (Assis & Romeiro, 2007).

“[...] trabalhar com a agroecologia... fazer algo de bom. Eu queria ir para o interior e fazer alguma coisa que desse orgulho de trabalhar...” (E3)

“[...] profissão diferente de algumas bem conhecida, é uma profissão que tem que ter muita dedicação, tem que querer muito trabalhar com aquilo.” (E2)

“[...] Saber que você tá vendendo uma coisa boa para as outras pessoas.” (E5)

“[...] mas é bem gostoso também.” [quando questionado sobre trabalhar com orgânicos]. (E4)

Todos os entrevistados relatam que, ao desenvolverem a atividade escolhida, trabalham com algo que lhes dá prazer e satisfação, o que resultou em compatibilidade com os achados de Paiva (2016). Os agricultores se percebem fazendo algo de bom para os outros, sensação altruísta que pode ser detectada nas falas dos entrevistados.

Também foram observados, nas expressões verbais dos agricultores, a realização, a motivação e o orgulho que têm em trabalhar com a agricultura orgânica. Para Martinez & Paraguay (2003), os problemas de saúde são afastados quando a atividade é realizada com satisfação, contribuindo para a manutenção da saúde física e mental. Nesse grupo de agricultores, a satisfação foi verbalizada.

Segundo Iida (2005), uma possível fonte de insatisfação para o trabalhador é a remuneração, que geralmente aparece em conjunto com chefia ou ambiente físico. Como os agricultores entrevistados são os próprios chefes, e o ambiente físico não difere do ambiente do trabalho convencional na agricultura, então, a remuneração seria fator relevante para a insatisfação. Porém, mesmo sendo as atividades de manutenção da produção mais numerosas, a agricultura orgânica consegue valores mais altos na comercialização, e todos os agricultores entrevistados apontaram a satisfação com o trabalho, e em momento algum se observou a vontade de voltar ao cultivo convencional.

Em relação ao futuro, 100% acreditam que seus sucessores têm interesse em continuar trabalhando com cultivo orgânico, apesar de um entrevistado ter indicado que um de seus filhos não vai trabalhar na agricultura, mas é adepto do consumo de produtos orgânicos. Todos afirmam que haverá continuação de seus trabalhos por parte dos seus descendentes, gerando segurança e continuidade do processo do cuidado com a propriedade.

“[...] que em primeiro lugar eles também vê o exemplo dos pais, né, e eles conhecem toda a história já, desde pequeno eles têm participado, vendo a gente como a gente mudou, a transição de mudar, optar por agricultura orgânica.” (E4)

“[...] mas a agricultura orgânica, ela só tem a melhorar a vida de quem tá produzindo e de quem tá consumindo, então eu acredito que é um futuro promissor a agricultura orgânica.” (E2)

“Eu acho que o orgânico é um desafio, mas vale a pena.” (E1)

“[...] pena que mais pessoas não procurem entrar nesse tipo de cultivo e deem muita ênfase ainda ao uso de agrotóxico...” (E1)

A insegurança em relação à sucessão familiar pode ocorrer (Poletto, 2009; Miranda, 2010). No entanto, essa insegurança não foi detectada nos entrevistados; inclusive, apontam que a família toda acredita na agricultura orgânica, evitando aflições em relação ao futuro da propriedade. Em estudo realizado no Reino Unido (Padel, 2008), a esperança no futuro também foi identificada como fator motivador para a conversão, igualmente como no grupo estudado.

Outros aspectos indicados foram que é um desafio grande trabalhar com orgânicos e que ainda são poucos os agricultores trabalhando nessa forma de cultivo, o que pode significar uma oportunidade de crescimento nesta atividade.

O estilo de vida e as crenças dos trabalhadores da agricultura orgânica têm importante papel para a escolha desse modo de trabalho, como já citado por Souza (2000); e, em pesquisa realizada por Santos (2016), diversas famílias citam o convencimento ideológico como um dos principais motivadores para a conversão.

“A agricultura orgânica é assim... tipo uma religião.” (E1)

“Adote um agricultor orgânico. Todo mundo tem o seu médico, né, por que não seu agricultor, né?” (E5)

“Qualidade de vida” [quando questionado sobre motivos que o levaram a trabalhar com orgânicos] (E1)

A qualidade de vida também é outro aspecto ligado à filosofia que o agricultor adota e foi verbalizada pelo entrevistado E5, corroborando estudos realizados por Paiva (2016). Compreende-se não somente o desenvolvimento do trabalho com orgânicos em virtude da substituição e redução de insumos químicos na propriedade, mas também conferindo ao processo uma posição social diante do trabalho. A fala dos agricultores indica o aspecto da ideologia da agricultura orgânica e aponta a relação entre a agricultura orgânica e o estilo de vida, atribuindo um sentido mais amplo ao trabalho que desenvolvem.

Específicos da propriedade

Conforme Padel (2008), a mão de obra está ligada à unidade produtiva e, para os agricultores familiares, participantes deste estudo, a considera um fator limitante para o crescimento, o que pode ser observado nas frases a seguir.

“[...] hoje as famílias são pequenas [...]isso impede que a gente tenha uma produção maior porque a procura é grande, mas a gente não tem capacidade de atender os clientes que procuram.” (E1)

“[...] não dá para colocar maquinário [...] você teria que ter mais mão de obra humana e menos mão de obra industrial...” (E5)

Nesta pesquisa, 60% dos entrevistados relatam a falta de mão de obra como principal fator de desvantagem do cultivo orgânico, concordando com diversos estudos realizados (Storch et al., 2004; Mazzoleni & Nogueira, 2006; Assis & Romeiro, 2007; Abrahão et al., 2015). Como, atualmente, houve um decréscimo no número de membros das famílias, conseqüentemente, houve redução de mão de obra para trabalhar na agricultura. Ainda assim, a agricultura orgânica é mais rentável para a agricultura familiar, enquanto, para grandes produtores, em virtude da falta de mão de obra disponível para a realização das tarefas manuais, torna-se mais onerosa (Mazzoleni & Nogueira, 2006; Assis & Romeiro, 2007).

Além das tarefas manuais, outro fator que pode contribuir para a maior necessidade de mão de obra é a falta de tecnologia apropriada para essa forma de cultivo (Gemma et al., 2004). Isso foi expresso na fala do agricultor E5, que indicou a dificuldade em utilizar máquinas para reduzir o trabalho manual.

O agricultor considera uma dificuldade a falta de mão de obra; contudo, para Campanhola & Valarini (2001), é uma oportunidade de gerar empregos, desde que haja trabalhadores disponíveis para desenvolver as atividades rurais.

Fatores externos

Os produtores entrevistados apontam que o conhecimento e a divulgação adequada dos produtos oriundos da agricultura orgânica ajudariam a aumentar a venda.

“Muitas vezes o pessoal não sabe o que é um produto orgânico e não sabe o que é um produto convencional.” (E2)

“[...] hoje a gente vê que a grande maioria é formado por empresas de produtos convencionais, então tu enfrentar isso na agricultura orgânica é uma das dificuldades.” (E2)

Um dos agricultores entrevistados relata a falta de conhecimento pelo consumidor como um entrave para o desenvolvimento da agricultura orgânica, e, corroborando estudos realizados por Ormond et al. (2002), cita que, para ampliar o consumo, a divulgação de informações sobre os produtos orgânicos é fundamental.

Outros aspectos que podem impulsionar a conversão para o cultivo orgânico são o benefício econômico e a garantia da comercialização da produção. Como exemplo, os produtores de chá do Nepal firmaram contratos longos com a indústria, favorecendo a conversão (Karki et al., 2011).

Diversos estudos relatam o desenvolvimento da comercialização dos produtos orgânicos (Campanhola & Valarini, 2001; Mazzoleni & Nogueira, 2006; Assis & Romeiro, 2007) e que, ao longo do tempo, criam-se novos canais de comercialização, aumentando a demanda. O processo de comercialização utilizado pelos agricultores estudados ainda é realizado por meio de feiras. Quanto a isso, os estudos realizados por Storch et al. (2004) apontam que a comercialização pode se beneficiar com a divulgação de informações específicas sobre este tipo de produto. Outros grupos de agricultores também

identificam a comercialização de seus produtos como uma das maiores dificuldades nesse setor (Pessoa & Alchieri, 2014; Santos, 2016).

O agricultor E3 indica que uma das vantagens em trabalhar com orgânicos é a valorização dos produtos, corroborando estudos realizados por Assis & Romeiro (2007) com olericultura orgânica. O preço de venda do produto orgânico é importante fator para o sustento da família agricultora e consequente manutenção dessa família na área rural (Campanhola & Valarini, 2001). Em estudo realizado na Lituânia, as principais causas que podem motivar a conversão estão relacionadas às razões econômicas (Kaufmann et al., 2011).

Para o caso dos agricultores estudados, a opção é trabalhar com um produto mais valorizado, que gere mais renda e, com isso, possa garantir o sustento da família sem necessidade de complementação, gerando autonomia para o agricultor orgânico (Alencar & Mendonça, 2013).

“[...] produto é mais valorizado financeiramente.” (E3)

Ainda, dentro dos fatores externos, a certificação dá ao produto qualidade e segurança, tornando o agricultor mais competitivo na hora da comercialização. Este grupo de agricultores trabalha com modelo de certificação por pares, que representa uma vantagem para o desenvolvimento das práticas, pois os agricultores trabalham em conjunto e trocam experiências sobre o cultivo orgânico, o que os torna confiantes, como mostram as frases abaixo.

“[...] é um grupo de 4 famílias ... e isso é muito importante, a gente se visita uma vez por mês, a cada 45 dias, e a gente aprende muito um com o outro.” (E3)

“[...] família agroecológica, essa é uma parte importantíssima. Uma parceria onde um depende do outro, eu achei muito interessante.” (E3)

Resumidamente, os resultados encontrados apontam que os agricultores orgânicos são motivados pelos vetores saúde, respeito ao meio ambiente e organização social, mesmos achados obtidos por Azevedo & Pelicioni (2011). Além disso, ao trabalharem em grupo, como uma “família agroecológica”, se sentem mais seguros. De fato, fazer parte de um grupo social tem sido apontado como fator contributivo para a saúde mental do trabalhador agrícola (Poletto, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os motivos – subdivididos em questões pessoais, específicos da propriedade e fatores externos – pelos quais os produtores em regime familiar optam em fazer a conversão da agricultura convencional para a orgânica nortearam esta pesquisa, e estão alinhados com outros pesquisadores supracitados.

Dentro das questões pessoais, todos os aspectos favorecem a conversão, assim como a certificação, listada nos fatores externos à propriedade. Aparecendo como um dos aspectos que dificultam o desenvolvimento, relacionados ao fator específico da propriedade, está a exigência de mão de obra; e a comercialização e divulgação do produto estão relacionados ao fator externo à propriedade. O motivo de maior impacto, relatado como uma das principais vantagens, foi a preocupação com a saúde, podendo-se dizer: com a alimentação saudável.

Os diferentes estudos mostram que o cultivo orgânico pode ser benéfico para o trabalhador. Esses benefícios vão além da supressão do uso de agrotóxicos na agricultura, como, por exemplo, o reconhecimento, a satisfação e a visão de grupo que se fortalece com a troca de experiências, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos agricultores.

Dados relacionados à saúde mental, depressão e adoecimentos desse grupo de agricultores poderiam ser comparados aos da agricultura convencional; e as dificuldades encontradas com a exigência de mão de obra, a falta de tecnologias apropriadas e a dificuldade em utilizar máquinas e equipamentos fazem com que a agricultura orgânica seja um campo fértil para desenvolvimento de novas pesquisas.

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal Catarinense, à Universidade Federal de Santa Catarina e a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da elaboração deste artigo.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, R.F.; TERESO, M.J.A.; GEMMA, S.F.B. A Análise Ergonômica do Trabalho (AET) aplicada ao trabalho na agricultura: experiências e reflexões. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v.40, p.88-97, 2015. DOI: 10.1590/0303-7657000079013.
- ALENCAR, G.V. de; MENDONÇA, E. de. S.; OLIVEIRA, T.S. de; JUCKSCH, I.; CECON, P.R. Percepção ambiental e uso do solo por agricultores de sistemas orgânicos e convencionais na Chapada da Ibiapaba, Ceará. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v.51, p.217-236, 2013. DOI: 10.1590/S0103-20032013000200001.
- ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004. 110p.
- ASSIS, R.L. de; ROMEIRO, A.R. O processo de conversão de sistemas de produção de hortaliças convencionais para orgânicos. **Revista de Administração Pública**, v.41, p.863-885, 2007. DOI: 10.1590/S0034-76122007000500004.
- AZEVEDO, E. de; PELICIONI, M.C.F. Promoção da Saúde, Sustentabilidade e Agroecologia: uma discussão intersetorial. **Saúde e Sociedade**, v.20, p.715-729, 2011. DOI: 10.1590/S0104-12902011000300016.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BAUER, M.A.L. **A construção social da identidade: um estudo nas organizações de agricultura ecológica em duas regiões do RS**. 2004. 188p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Resolução CD nº 4, de 2 de abril de 2015. Altera a redação dos artigos 25 a 32 da Resolução/CD/FNDE nº 26, de 17 de junho de 2013, no âmbito do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). **Diário Oficial da União**, 8 abr. 2015. Seção 1, p.21-24.
- CAMPANHOLA, C.; VALARINI, P.J. A agricultura orgânica e seu potencial para o pequeno agricultor. **Cadernos de Ciência e Tecnologia**, v.18, p.69-101, 2001.
- CRANFIELD, J.; HENSON, S.; HOLLIDAY, J. The motives, benefits, and problems of conversion to organic production. **Agriculture and Human Values**, v.27, p.291-306, 2009. DOI: 10.1007/s10460-009-9222-9.
- DREWS, A. **Transformações nos modos de vida e trabalho relacionadas à transição para a agricultura orgânica: um estudo com agricultores familiares em Santo Amaro da Imperatriz/SC**. 2006. 118p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- FONTOURA, Y.; NAVES, F. Movimento agroecológico no Brasil: a construção da resistência à luz da abordagem neogramsciana. **Organizações & Sociedade**, v.23, p.329-347, 2016. DOI: 10.1590/1984-9230778.

GALANTE, V.A. **A produção de soja orgânica como uma estratégia de desenvolvimento rural**: um olhar a partir da qualidade de vida. 2016. 122p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo.

GEMMA, S.F.B.; ABRAHÃO, R.F.; SZNELWAR, L.I. O trabalho no cultivo orgânico de frutas: uma abordagem ergonômica. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v.29, p.37-44, 2004. DOI: 10.1590/S0303-76572004000100006.

IIDA, I. **Ergonomia**: projeto e produção. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: Blucher, 2005.

ISMAEL, L. L.; ROCHA, E.M.R.; LINS FILHO, L.A.; LIMA, R.P.A. Resíduos de agrotóxicos em alimentos: preocupação ambiental e de saúde para população paraibana. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v.10, p.24-29, 2015. DOI: 10.18378/rvads.v10i3.3459.

KARKI, L.; SCHLEENBECKER, R.; HAMM, U. Factors influencing a conversion to organic farming in Nepalese tea farms. **Journal of Agriculture and Rural Development in the Tropics and Subtropics**, v.112, p.113-123, 2011.

KAUFMANN, P.; ZEMECKIS, R.; SKULSKIS, V.; KAIRYTE, E.; STAGL, S. The diffusion of organic farming in Lithuania. **Journal of Sustainable Agriculture**, v.35, p.522-549, 2011. DOI: 10.1080/10440046.2011.579838.

LOCKIE, S.; HALPIN, D. The “Conventionalisation” thesis reconsidered: structural and ideological transformation of Australian organic agriculture. **Sociologia Ruralis**, v.45, p.284-307, 2005. DOI: 10.1111/j.1467-9523.2005.00306.x.

MARTINEZ, M.C.; PARAGUAY, A.I.B.B. Satisfação e saúde no trabalho: aspectos conceituais e metodológicos. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v.6, p.59-78, 2003. DOI: 10.11606/issn.1981-0490.v6i0p59-78.

MAZZOLENI, E.M.; NOGUEIRA, J.M. Agricultura orgânica: características básicas do seu produtor. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v.44, p.263-293, 2006. DOI: 10.1590/S0103-20032006000200006.

MIRANDA, F. de Q. **Razões da adoção de estratégias agroecológicas por famílias do Assentamento Itapuí, Nova Santa Rita / RS**. 2010. 138p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ORMOND, J.G.P.; PAULA, S.R.L. da; FEVERET FILHO, P.; ROCHA, L.T.M. da. Agricultura orgânica: quando o passado é futuro. **BNDES Setorial**, v.15, p.3-34, 2002.

PADEL, S. **Conversion to Organic Milk Production**: the change process and farmers' information needs. 2001. 210p. Thesis (PhD) - University of Wales, Aberystwyth.

PADEL, S. Values of organic producers converting at different times: results of a focus group study in five European countries. **International Journal of Agricultural Resources, Governance and Ecology**, v.7, p.63-77, 2008.

PADILHA, D.O. **A construção da racionalidade ambiental no movimento agroecológico em Rio Branco do Sul/PR**. 2008. 152p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

PAIVA, A.R. **Motivações e restrições de naturezas tecnológica e organizacional para o desenvolvimento de agroindústrias de alimentos orgânicos no RS**. 2016. 81p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PESSOA, Y.S.R.Q.; ALCHIERI, J.C. Qualidade de vida em agricultores orgânicos familiares no interior Paraibano. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.34, p.330-343, 2014. DOI: 10.1590/1982-3703001095012.

POLETTI, Â.R. **Processo de trabalho e saúde mental de trabalhadores agrícolas familiares da microrregião de Ituporanga, Santa Catarina**. 2009. 212p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SANTOS, C.S. dos. **Análise do processo de transição agroecológica das famílias agricultoras do Núcleo da Rede Ecovida de Agroecologia Luta Camponesa**. 5. set. 2016. 165p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul.

SANTOS, D. de S. **Diagnóstico da agricultura orgânica do estado de Roraima**. 2011. 87p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SOUZA, M.C.M. de. Produtos orgânicos. In: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M.F. (Org.). **Economia e gestão dos negócios agroalimentares: indústria de alimentos, indústria de insumos, produção agropecuária, distribuição**. São Paulo: Pioneira, 2000. p.385-401.

STORCH, G.; SILVA, F.F. da; BRIZOLA, R.M. de O.; AZEVEDO, R. de; VAZ, D. da S.; BEZERRA, A.J.A. Caracterização de um grupo de produtores agroecológicos do sul do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Agrociência**, v.10, p.357-362, 2004.

Trabalho recebido em 14 de dezembro de 2017 e aceito em 23 de março de 2018.